

Discurso de apresentação do livro “ Tempo de contar: O que vi e sofri nos idos de 64”, de Jesualdo Cavalcanti, no auditório do TCE – 25.01.2007.

“No presente, sentimos fluir a vida; no passado jaz o transitório”. Esta frase que colhemos do grande livro de SPENGLER “A Decadência do Ocidente”, poderia ter servido de legenda para este livro de Jesualdo Cavalcanti Barros; “Tempo de contar”, sobre o qual tenho o prazer de falar nesta oportunidade de seu lançamento.

As duas dimensões do tempo – o passado e o presente - causam, segundo o mesmo filósofo da História, o profundo terror cósmico que perturba a alma do menino e que não abandona jamais o grande homem, seja ele pensador, poeta, artista, em sua infinita solidão.

Nascendo num ambiente de solidão, a fazenda Malhada, no interior do sertão piauiense, o menino daquele tempo, que é o grande homem de hoje, começou de forma inconsciente, mas tocado de sensibilidade, a ver a vida por um lado bucólico, aquele em que acordava “pela cantilena tristonha das moendas do engenho Jatobá, e inebriado pelos fortes e inconfundíveis odores de bagaço de cana, de garapa quente e de rapadura recém saída da forma”.

Nesse ambiente, onde o despertar se fazia pela madrugada, quando a moagem começava, estava já o vaticínio de que a caminhada seria longa, a resistência sem tréguas, a indicar que o fluir da vida lhe traria desconforto e embaraços, mas que a têmpera do caráter e o ideal de vencer haveriam de dar-lhe não uma fugaz recompensa, mas o destino do homem.

O destino de cada um de nós é uma construção permanente que começa no interior de nós mesmos e se alarga para a circunstância em que nos movemos.

Saber utilizar bem os mecanismos dessa construção é ato de sabedoria e fator decisivo para o êxito. Nessa construção há um elemento indispensável, dir-se-ia um material imponderável que dá impulso aos inúmeros braços que nos ajudam nesse trabalho: é o sonho.

Se é certo, como disse um pensador, RAYMOND GETTELL, que só avançam os povos no progresso quando se sonham a si mesmos, não é diferente o que se pode dizer das pessoas, pois estas só alcançam os altos degraus da vida pública quando se entregam ao exercício de suas faculdades imaginativas.

Este livro de Jesualdo é, na essência, a saga da luta de sua gente para forjar o seu destino histórico e é também o componente simbólico da aventura que levou até aquele território os ancestrais do autor, no estreitamento dos laços familiares que formaram o potencial humano que dominou aquelas paragens.

Desse longo esforço, no curso de uma longa história, que é parte também da história do Piauí, nasceu a cidade de Corrente, com a sua cultura, a sua produção, as suas conquistas sociais, as suas desavenças religiosas, o grau de instrução de seu povo, que teve como resultado a projeção de homens que tanto engrandecem o seu passado.

Essa cidade é vista por Jesualdo com carinho e devoção, pois, ao pintá-lo o retrato, destaca esses traços indeléveis:

“Lançando um olhar sobre sua trajetória histórica e vislumbrando as perspectivas que se abrem para sua grandeza num futuro próximo, é difícil distinguir o que mais nos extasia, orgulha e gratifica: se a beleza multicolorida do Morro do Papagaio e da Serra Dourada que emolduram o seu horizonte; se os coqueirais centenários da beira do rio Corrente a saudar os visitantes com a sinfonia de seus movimentos harmoniosos; se o frenesi de milhares de estudantes que se movimentam calorosamente pelas ruas e becos da cidade; se a altivez de seu povo em jamais se dobrar aos arreganhos dos poderosos do dia, sem perder, contudo, a generosidade acolhedora de sua hospitalidade; ou se a garra, com que tem sabido romper os grilhões do atraso e do isolamento.”

É esse um retrato atual, com um olhar mais para o futuro do que para o passado. Qual seria a impressão que ficou para trás quando aquele garoto de 17 anos sobrevoa Teresina, no avião de carreira da época, vindo do interior, sentindo, como ele próprio o diz, a cidade colorida, com seus quintais verdes, sua ponte metálica e as torres sobranceiras da igreja de São Benedito, no alto da Jurubeba? Não houve um trânsito direto de Corrente a Teresina. Antes passara por Goiânia, o que significa haver incorporado a imagem de outra cidade, suficiente a diminuir o impacto dos contrastes urbanos entre as grandes e as pequenas comunidades.

Pousando em Teresina, aqui ficou. E começou a formar, no seu solo ardente os alicerces de sua formação espiritual, a dar expansão às suas inclinações políticas, acompanhando, passo a passo, a sua evolução social e cultural.

A cidade na sua configuração física e geográfica o impressionou. Ela está descrita no capítulo “A cidade que conheci”. A partir do Liceu, onde se lhe abriu o mundo da cultura e do pensamento, sentiu o chamado interior para o compromisso intelectual. Este se iniciou, com a fundação, sob sua liderança, de um grêmio, o **Grêmio Lítero-Cultural Arimathéa Tito**, homenagem ao pai do Diretor do Estabelecimento. Era a primeira experiência. Era a demonstração de que os verdadeiros líderes se revelam cedo e não perdem oportunidade para o exercício efetivo da liderança.

Da presidência do grêmio partiu para vôo mais alto, para a presidência da **União Piauiense dos Estudantes Secundários** (UPES). Encontra-se, já, na porta de entrada para o engajamento político.

Desde que aqui chegou, vindo de Goiânia com o espírito imbuído das novas idéias que dominavam o País, sob a bandeira da UDN, foi essa bandeira que o atraiu, constituindo suas leituras prediletas os artigos de CARLOS LACERDA, HÉLIO FERNANDES e AMARAL NETO, divulgados na **Tribuna da Imprensa** e na revista **Maquis**.

No Piauí a UDN conquistou terreno firme para uma militância coesa e persistente, com início na luta em oposição ao interventor Leônidas Melo, a partir sobretudo do ato de arbitrariedade traduzida na aposentadoria compulsória de três Desembargadores, os mais eminentes do Tribunal de Justiça, ARIMATHÉIA TITO, SIMPLÍCIO MENDES e ESMARAGDO DE FREITAS E SOUZA. Aliados a outros brilhantes intelectuais, fizeram do jornal sua trincheira de lutas, sendo as disputas políticas travadas em ambiente de agressões pessoais, paixões exacerbadas e represálias incontidas. No País formara-se a **Caravana da Liberdade**, com a qual vibrava Jesualdo, como confessa no seu livro, pois se tornara ele também um combatente “honestamente preocupado com os descaminhos a que nos conduzia a denunciada corrupção enquistada no governo, sob o comando de homens conluídos no PSD”.

Daí para diante acompanhou, de perto e atentamente, as sucessivas etapas das lutas políticas no Estado e no País, mantendo-se sempre fiel às idéias renovadoras em seu permanente conflito com as idéias reacionárias, ambas empenhadas, como é natural, pela disputa do poder. O ponto culminante dessa luta, no Estado, foi a eleição, em 1947, de JOSÉ DA ROCHA FURTADO (UND) e, na eleição seguinte, a de PEDRO DE ALMENDRA FREITAS (PSD).

O quadro político, daí para diante, tenderia a modificar-se, graças, sobretudo, à formação de novas siglas partidárias, com a diversificação dos comandos políticos e das tendências ideológicas.

A presença de Jesualdo na política estudantil da qual só se afastou ao ingressar, em 1962, na Faculdade de Direito, serviu-lhe de suporte à conquista, nesse mesmo ano, do mandato de Vereador de Teresina, pelo Partido Trabalhista Brasileiro. Sua candidatura por esse partido está assim justificada por ele: “*Minha opção pelo PTB justificava-se não só pela afinidade ideológica, pelo trabalhismo, mas também pelo decidido apoio que o governo Chagas Rodrigues dispensava ao movimento estudantil*” (p.153).

A referência ao ano de 1962 me chama a atenção para o que essa década representou no processo de evolução política, social e cultural do Brasil e da América Latina, como conseqüência, talvez, de reflexões críticas que se faziam em torno de profundas mudanças sociais decorrentes da Segunda Guerra Mundial e de desafios que se colocavam em busca de novos

modelos econômicos, menos preocupados em atingir maiores níveis de concentração de riqueza e aumento da marginalização social. Surgia um momento de agitação de idéias, para discutir os problemas de nosso continente, onde as marcas da pobreza apontam para nossa origem colonial, a discriminação social se revelava chocante ante a criação de mecanismos poderosos para o domínio econômico internacional.

Lembra o Padre JOSÉ COMBLIN, eminente teólogo católico, que, nesse período, estava no ar o projeto de uma libertação latino-americana que fosse, ao mesmo tempo, uma revolução política, econômica, social e cultural.

Essa libertação passou a ser preocupação não apenas da classe política, dos intelectuais, dos economistas, mas também de correntes da própria Igreja, que se aliaram a esse projeto renovador, desenvolvendo, sob a inspiração da Conferência de Medellín, a chamada **Teologia da Libertação**, com a qual passou a preocupar-se a própria hierarquia eclesial pela indicação dos caminhos a seguir em seus compromissos com a libertação do nosso povo.

Tivemos, em 1955, a ascensão de Fidel Castro ao poder no bojo de uma revolução que poderia, na avaliação de alguns, abalar os alicerces em que repousava a estrutura de dominação do continente. Organizavam-se movimentos tendentes a romper com as estruturas tradicionais. Passou-se a um período de agitação de idéias voltadas para a discussão do desenvolvimento nacional. Era o que se verificava a partir da fundação, em 1955, do **ISEB - Instituto Superior de Estudos Brasileiros**, dentro do qual passaram a atuar nomes de expressão intelectual como NELSON WERNEC SODRÉ, ÁLVARO VIEIRA PINTO, HÉLIO JAGUARIBE, ROLAND CORBIZIER, GUERREIRO RAMOS, CÂNDIDO MENDES e outros. No âmbito universitário não eram difírentes as tendências renovadoras, sobretudo a partir da criação da **Faculdade de Sociologia da USP**, sem o caráter ideológico das atividades do ISEB.

Numa visão mais ampla e no mesmo sentido de crítica das estruturas sociais dominantes, foi criada a **CEPAL - Comissão Econômica de Planejamento para a América latina**, orientada para uma ação em busca da independência econômica, da soberania política e da justiça social. Celso Furtado marcou aí sua presença.

Todos esses movimentos e mais a política que se esboçava sob a influência da ideologia reformista, constituíam para as forças reacionárias uma ameaça à segurança do continente, historicamente preso aos vínculos culturais do continente europeu e à política norte americana, essa enfrentando sérios problemas para sustentar sua liderança no mundo, sobretudo após o fracasso da guerra do Vietnã.

Não tardou que a reação, sob o comando dessa política e daqueles interesses, se manifestasse. Recorremos, outra vez, ao Padre Comblin ao dizer que, *“em lugar das transformações, veio a estabilização da sociedade tradicional graças aos regimes militares ou civis da segurança nacional.*

Esses regimes tomaram um rumo exatamente oposto ao rumo imaginado nos anos 60: em vez da independência, procuraram a maior integração no mundo ocidental, primeiro por razões de defesa contra o comunismo, e, depois, em nome da modernização e da entrada na era das novas tecnologias”.

Esse quadro, entre nós, brasileiros, assumiu as características do regime militar que se instalou em 1964 e que a todos nós, crentes na eficácia das idéias, que abraçávamos com tanta confiança, pegou de surpresa.

Os jovens daquela época, como Jesualdo, e os homens maduros como eu, que agiam politicamente motivados por novo pensamento, não podiam bater palmas ao regime militar que se instaurara com aquele objetivo. Acreditávamos, com certa ingenuidade, e seduzidos pela utopia do desenvolvimento, que nossa reação servisse para coibir os avanços do movimento armado que começara por violar princípios que tínhamos como sagrados e invioláveis, como a liberdade de pensamento, o respeito à pessoa humana e os postulados da democracia social.

O resultado foi, para Jesualdo, o que ressalta das páginas deste livro, no qual se abre um capítulo novo na nossa história política, escrito sem o estigma das transações espúrias, mas com a coragem de quem soube recusar as promessas dos falsos defensores da legalidade e reagir à falácia dos que pregavam a ideologia da segurança nacional.

Quanto a mim, adotando posições firmes, num ambiente de pusilanimidade e de retrocesso, sofri, como Deputado Estadual, a injustiça da cassação de meu mandato. Afirmei, no plenário da Assembléia Legislativa, no dia 8 de maio de 1964, quando dela me despedia, que o mal não era perder o mandato, mas conspurcá-lo. No desempenho desse mandato procurei ser fiel à vontade do povo e exprimi a confiança nos valores democráticos, numa linha de coerência de que ainda não me afastei. E lembrava, então, palavras de SAINT EXUPÉRY: "*Quando a gente caminha sempre para a frente não pode ir muito longe*". Ainda hoje penso assim.

Esses valores pelos quais tem lutado Jesualdo marcaram sua vida e estão presentes ao longo dessa trajetória por ele contada, no tempo oportuno, que é o tempo de agora.

Abrindo as páginas desse livro, temos um roteiro de lutas que vai do berço à escalada social e política das mais elevadas. Lendo estas páginas, temos as lições mais sugestivas de que quando trabalhamos com inteligência, com amor à terra, com a paixão da verdade, somos sempre vencedores. Saudamos em Jesualdo um vencedor, a quem a cassação do mandato de Vereador, nos primeiros momentos de sua militância política, não embargou os passos para nova ascensão, até chegar a Deputado Estadual, Deputado Federal, para ficarmos apenas no campo da projeção política.

Que a leitura deste livro desperte sempre o ideal de servir ao Brasil e a seu povo, no serviço da Pátria, e que a Pátria que servimos seja fortalecida no sonho de cada geração, animada do espírito de luta em defesa dos valores

permanentes da nacionalidade. Só assim teremos uma Nação livre da corrupção, que nos degrada, do amoralismo que nos avilta e do servilismo político em função do qual se torna difícil distinguir as idéias dos interesses, os princípios das conveniências.

Não podemos tolerar a passividade dos que se encastelam no poder para ter mais, para receber mais. Devemos assumir posições que nos levem a sermos mais, pois só sendo mais é que seremos brasileiros dignos do legado dos nossos antepassados e responsáveis por um legado mais rico para nossos sucessores.

Esse foi o compromisso de Jesualdo. Esse é o nosso compromisso de agora. Estejamos atentos ao apelo das novas gerações.

A elas indicamos esse caminho. Com elas queremos sonhar com esse ideal. Os ensinamentos deste livro nos levam a esse sonho e a essa compreensão.

Discurso proferido no lançamento do livro “TEMPO DE CONTAR - o que vi e sofri nos idos de 64” – de JESUALDO CAVALCANTI, no dia 25.01.07, às 19h no Plenário do Tribunal de Contas do Estado.